

Os Refugiados são bem-vindos!

“Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” Artº 3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos

O direito a viver em segurança e liberdade e a fugir do perigo, da guerra e da morte está consagrado e teoricamente é um facto que todos entendemos e defendemos. Teoricamente, porque na prática, tem sido bem diferente. Basta procurarmos na internet, nas páginas de jornais e nas redes sociais, as reações e comentários pouco solidários perante a trágica situação dos refugiados que tentam todos os dias chegar a um porto seguro.

As notícias estão cheias de histórias de homens, mulheres e crianças que fogem de conflitos e perseguição e que esbarram não só com a oposição das populações, mas também com muros, vedações e verdadeiros exércitos de forças de segurança que tentam impedir a entrada de mais refugiados nos seus países.

Mas no meio de tantas histórias tristes, chegam-nos também relatos de esperança.

“Fomos bem recebidos e é em Ferreira do Zêzere que queremos ficar”, conta-nos Zakaria, um refugiado de origem síria que chegou, juntamente com a mulher Abir e o filho Yehia, de 1 ano, a Ferreira do Zêzere em dezembro de 2015. Apoiada pela Fundação Maria Dias Ferreira, que há uns meses atrás decidiu associar-se à Plataforma de Apoio aos Refugiados, esta família já está a receber aulas de português como primeiro passo para a sua integração em Portugal.

Foi com uma enorme generosidade que os recém-chegados aceitaram o convite da Escola EB 2,3/S Pedro Ferreiro, em Ferreira do Zêzere, para fazerem parte de uma iniciativa de sensibilização sobre os refugiados promovida pela Amnistia Internacional, que decorreu a 12 de fevereiro. Perante uma plateia comovida, partilharam a sua difícil jornada – desde a decisão de sair do país, abandonando família e amigos, até à difícil viagem que incluiu caminhar entre montanhas durante 5 dias e 5 noites, com o filho ao colo, entrarem num barco sobrelotado até à Grécia e venderem as alianças de casamento para pagarem a travessia aos traficantes. *“A decisão mais difícil foi colocar o meu filho e a minha mulher grávida num barco, pois ela não sabe nadar”*, diz Zakaria em resposta a uma das perguntas da audiência. Pelo meio ficam os relatos da opressão do Daesh (também conhecido como Estado Islâmico), que há mais de um ano tomou a cidade onde moravam e passou a controlar todos os aspetos da vida quotidiana, desde a forma de vestir à educação dos mais novos. Zakaria conta que não pôde sequer visitar a mulher e o filho no hospital quando Yehia nasceu, pois só as mulheres podem entrar nas instalações controladas pelo grupo armado jihadista.

Quem os vê não imagina as privações e perigos que enfrentaram. Zakaria tem um ar sereno e o sorriso de Abir é contagiante, especialmente quando olha para o pequeno Yehia que acorda no meio de uma plateia de mais de 70 pessoas. Hoje sentem-se seguros e bem-vindos e é em Portugal que querem refazer a sua vida, dando segurança a Yehia e ao seu futuro irmão, que nascerá em abril.

A iniciativa realizou-se no âmbito do projeto da Amnistia Internacional “Escolas Amigas dos Direitos Humanos”, que tem vindo a desenvolver diversas atividades com o objetivo de

explorar e debater mitos, preconceitos e atitudes acerca dos refugiados e das pessoas que procuram asilo. Desmistificar é uma das preocupações da Amnistia Internacional, que além de estar a promover iniciativas em todas as escolas que integram o projeto, preparou também materiais de apoio sobre o tema para que professores e professoras o possam abordar em contexto de aula. Os materiais, concebidos para diferentes idades, estão disponíveis em <http://tinyurl.com/EADH-Refugiados> e podem ser descarregados colocando o link na internet e utilizados por todos os interessados. Porque todas as iniciativas contam, ajudem a fazer a diferença!

Luisa Marques

Amnistia Internacional Portugal